

Pão e Rosas

www.nucleopaoerosas.blogspot.com

NESTE DIA INTERNACIONAL DAS MULHERES: Não adianta uma mulher no poder, precisamos ser milhares nas ruas para arrancar nossos direitos!

O Dia internacional das mulheres de 2011 ocorre no Brasil com a comemoração de vários setores da sociedade pela eleição da primeira mulher presidenta do país, o que gera distintos tipos de ilusões neste governo, colocado por algumas dirigentes feministas e sindicais, como um governo que permitirá o avanço dos direitos das mulheres. Neste momento achamos de maior importância discutir com as mulheres as contradições do governo Dilma e porque uma mulher no poder, governando para e com os capitalistas, não significa necessariamente uma conquista às mulheres. Mais que uma mulher no poder somos as milhões de terceirizadas que vivem com salários e condições miseráveis, de negras massacradas pela miséria e a violência policial nas favelas, obrigando-as a viver entre a fome e o enterro dos seus filhos, maridos e companheiros assassinados, as milhões de jovens com empregos precarizados ou sem empregos, exploradas pela prostituição formal e informal, resignadas e sem perspectivas, abandonadas sem assistência sexual e de saúde, constituindo um exército de reserva para empregos precarizados ou as drogas e a prostituição.

*

Hoje na Europa, norte da África e Oriente Médio o povo e a classe trabalhadora se levanta contra as políticas de austeridade (corte de verbas sociais enquanto se garante os lucros capitalistas) e ataques aos direitos da classe trabalhadora em resposta ao endividamento dos estados nacionais para salvar os empresários e banqueiros da crise econômica. No coração do imperialismo, no estado Wisconsin (EUA), professoras junto com estudantes e funcionários públicos, se enfrentam ao governo contra os ataques e pelo direito de organização sindical. Em Oaxaca (sul do México), professora (e)s são reprimidos pela polícia por saírem as ruas contra a precarização da educação e do trabalho, retomando a grande luta de 2006. E no Norte da África o processo revolucionário no Egito e a insurgência do povo e dos trabalhadores na Líbia, Tunísia, Yemen, Bahrein permitem às revolucionárias e às organizações de mulheres, sindicais e estudantis trazerem com força a idéia de revolução. Mais que uma mulher no poder somos as milhões de mulheres árabes, da Líbia e da África do Norte que hoje mostram como podemos lutar por nossos direitos: derrubando governos e lutando contra a pobreza e o desemprego!

*



É com o espírito de luta e combatividade das mulheres egípcias, líbias, tunísias e de países do mundo árabe que saem às ruas junto com o povo e os trabalhadores para lutarem contra as ditaduras bancadas pelo imperialismo, as condições de misérias, colocando na ordem do dia as demandas das mulheres, que nós do grupo Pão e Rosas chegamos a este 8 de março.

O Brasil da subserviência ao imperialismo, precarização da vida, violência às mulheres e mortes por abortos clandestinos que não aparece no 8 de março nem nas palavras de Dilma

A idéia de um governo promissor de Dilma se dá sobre o discurso de continuidade do governo Lula, que acabou seu mandato com 80% de popularidade e o reconhecimento na política internacional por saber fazer o jogo do imperialismo e cavar seu espaço entre as grandes potências mundiais. Não à toa que Obama disse que Lula era "o cara" e "O presidente mais popular do mundo". Lula fez direitinho o exercício de casa e com bastante "orgulho" mantém a tropas brasileiras no Haiti chefiando a MINUSTAH que há mais de um ano do terremoto que resultou em milhares de mortes, não garantiu a construção de moradia e saneamento para a população que ficou imersa num surto de cólera e se manteve a repugnante condição de estupros sistemáticos das mulheres haitianas pelas tropas da ONU e a troca de sexo por alimento, além da contenção das revoltas populares e operárias contra o desemprego e a miséria.

Dilma segue na forma o abstencionismo de seu antecessor ao não ter rompido relações com o Estado ditatorial do Egito, Mubarak, governo historicamente apoiado pelos EUA e financiado com um bilhão e meio de dólares pelos ianques! O governo de uma mulher não significa que este estará ao lado da luta do povo e das mulheres do mundo árabe! Ao contrário disso Dilma caminha para continuar contra as mobilizações no mundo árabe quando não denuncia a tentativa de intervenção imperialista na Líbia e conta com seu ministro Patriota fazendo declarações que aceitará intervenções caso a ONU autorize. Todas as mulheres que nos organizamos para lutar por nossos direitos devemos denunciar todo tipo de intervenção imperialista na Líbia assim como nos colocar ao lado da luta pela queda de Kadafi, mais um dos ditadores que historicamente oprimiu e explorou o povo árabe e que nas ultimas décadas também foi um dos amigos dos EUA.

O aumento do número de empregos com carteira assinada no governo Lula se deu em condições de regimes de contratos temporários, terceirizados e precários, ocupados majoritariamente pelas mulheres e a juventude. Para as mulheres, Lula só fez demagogia ao falar sobre o aborto como uma questão de saúde pública, mas assinou o acordo Brasil-Vaticano concedendo mais privilégios para a Igreja católica, enquanto milhares de mulheres morrem por abortos clandestinos e são criminalizadas. A lei

Maria da Penha trouxe o debate para a sociedade sobre a violência contra as mulheres, mas é regida pelo mesmo Estado que legitima e reproduz a violência contra as mulheres. Nestes quase 5 anos da existência da lei a realidade das mulheres continua sendo de muita brutalidade com uma mulher violentada a casa dois minutos.

O baixo salário não alcança para garantir os serviços básicos da vida familiar e com o alto preço dos alimentos e das passagens de ônibus que aumentaram por todo o país, obriga as mulheres trabalhadoras a se redobram e garantir as tarefas domésticas. Se hoje o número de mulheres chefes de família é um pouco mais de 30%, as mesmas são as que ganham os salários mais rebaixados e continuam vítimas da dupla jornada de trabalho. **Por isso exigimos do estado lavanderias, creches, e restaurantes públicos para que as mulheres possam se libertar das tarefas domésticas!**

Dilma entra no governo tendo que provar seu potencial, mas não tem a popularidade de Lula e se encontra em um cenário mundial mais instável. Dilma começa a tomar suas medidas e preparar o terreno para quando a crise bater no país muito mais forte, com cortes públicos de 50 bilhões e o mísero aumento de R\$ 35 (1,3% de aumento real) no salário mínimo e para os deputados o aumento foi de 62%. A campanha reacionária contra o direito elementar das mulheres que é o aborto e os discursos conservadores em nome da família e da moralidade cristã também são parte da preparação da burguesia para enfrentar a crise, pois reafirmam a opressão às mulheres subjugando-as ao destino da maternidade, refém da dupla jornada de trabalho e da morte decorrente de complicações por abortos clandestinos. **Por isso gritamos pelo fim da dupla jornada! Basta de violência e de mulheres mortas por abortos clandestinos!**

É sobre essas bases que Dilma diz que seu governo vai acabar com a pobreza e que todas as mulheres poderão ser o que desejarem. Enquanto Dilma aumenta as verbas para o programa social Bolsa Família, o investimento para moradia, saúde e educação vão diminuir. O que realmente aumenta no Brasil de Dilma continua sendo a desigualdade social! Não à toa que o último índice de novos bilionários conta com mais 12 brasileiros todos englobados em cerca de apenas cinco famílias, ligadas a grandes bancos com Itaú, Bradesco e Amil (plano de saúde privado)!

Não somos uma mulher no poder! Somos milhares nas ruas para arrancar nossos direitos!

Enquanto as direções do movimento de mulheres ligado ao governo, como da Marcha Mundial de Mulheres (MMM), exaltam a chegada da primeira mulher no poder, dizendo que apenas o fato de ter uma mulher na presidência já é um grande passo para a luta dos direitos das mulheres e pela igualdade social, escondem que Dilma foi eleita através de uma campanha reacionária e se rifam de colocarem com tudo na ordem do dia o direito ao aborto para arrancarmos de uma vez, este direito elementar, do estado e do governo que falam em nome da vida, mas que

limpam por debaixo do tapete os rios de sangue de milhares de mulheres mortas.

Essa política continua a moldar uma bancada parlamentar também religiosa e conservadora e até então nenhuma de suas ministras, que ocupam cargos de poder, saiu em defesa aberta dos direitos das mulheres e dos homossexuais. Nos últimos dias os setores religiosos saíram mais uma vez em propagar a campanha contra os homossexuais quando se disseram contrários a que casais homossexuais possam declarar juntos o imposto de renda, como qualquer outro casal. O governo Dilma e suas ministras mulheres continuarão a fazer duplos discursos permitindo que os setores mais conservadores continuem pisando em nossos direitos? A cota de 30% para mulheres nos cargos ministeriais



**Precisamos ser
milhares
nas ruas
para arrancar
nossos
direitos!**

Pão e Rosas

não significará o avanços para a vida das mulheres, pois o governo de Dilma segue sendo baseado na exploração da classe trabalhadora e na conciliação com a burguesia brasileira e a Igreja! Será que as feministas que apóiam Dilma continuarão caladas sobre essas questões?

Enquanto isso, ouvimos discursos dos governos que as catástrofes ocasionadas pelas enchentes, como na região Serrana do RJ, é culpa das ocupações irregulares nas áreas de risco, milhares de famílias tiveram seus parentes mortos e ficaram desabrigadas. Sem contar no aumento do inves-

timento do governo Dilma para os grandes empresários do turismo, para sediar a Copa de 2014 e às Olimpíadas de 2016, que contará com uma grande rede de exploração do turismo sexual de mulheres e crianças e com a já atual política de desocupação de comunidades e favelas como já vem ocorrendo em cidades como o rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Sejamos a linha de frente no enfrentamento com os governos, o imperialismo e os empresários!

Ao contrário do que dizem, de que a vitória de Dilma é uma conquista para as mulheres no país ou que a chegada ao poder de uma ou meia dúzia de mulheres que mudará nossas vidas, a conquista de nossos direitos será obra das próprias mulheres, como vem dando exemplo às mulheres tunísias, egípcias e líbias e as dos países do mundo árabe. Neste 8 de março nos inspiramos nessas mulheres e também nas operárias russas que se colocaram as ruas para lutar contra miséria e por melhores condições de trabalho dando o ponta-pé inicial da Revolução Russa de 1917, no dia que ficou conhecido como o dia internacional das mulheres. Prova histórica de que as mulheres se colocam na linha na luta de classes. É nesta perspectiva que chegamos a este dia conformando um bloco antigovernista e anti-imperialista no ato unificado, e queremos discutir com cada mulher.

Diferentemente da política que defendem a Marcha Mundial de Mulheres e a CUT, atreladas ao governo Dilma, que fazem aprofundar as ilusões de que ela avançará nas demandas das mulheres e de que as reivindicações por nossos direitos se fazem pela via institucional, impedindo que as mulheres trabalhadoras e jovens se enxerguem enquanto sujeitos políticos e se organizem independente do governo e do Estado. Acreditamos que, ao contrário disso, é preciso que as organizações de mulheres não fiquem mais a reboque da política do governo, este que se mantém atrelado ao imperialismo. É hora colocar de pé uma ampla campanha pela legalização e descriminalização do aborto e não mais aceitar a caminhada de mãos dadas do governo com os setores conservadores. Devemos unir nossas forças para mostrar que estamos ao lado do povo e dos trabalhadores da Líbia pela queda de Kadafi e que somos contrárias a qualquer intervenção imperialista na região. Para tomar posição as organizações de mulheres não podem mais esperar o aval de Dilma. Temos que nos inspirar nas revoltas do mundo árabe e massificar uma luta pelos direitos das mulheres e dos homossexuais no marco de uma luta contra a opressão e a exploração. Chamamos a CSP-Conlutas, Intersindical, a direção majoritária do Movimento Mulheres em Luta e da ANEL (PSTU), e também as companheiras do PSOL a unificarem forças nessa campanha fazendo um chamado que permita aos setores antigovernistas terem uma política ofensiva por nossos direitos e assim influir nas organizações de mulheres e sindicais que apoiaram Dilma para que rompam com seu governo e que juntas façamos uma ampla campanha pela legalização e descriminalização do aborto!

Chamamos a todas a se juntar neste 8 de março ao bloco anti-governista e anti-imperialista do grupo de mulheres Pão e Rosas!

Por **educação sexual** nas escolas para decidir, **contraceptivos** gratuitos para não abortar, **direito ao aborto livre, legal, seguro e gratuito** para não morrer!

Basta de mulheres mortas por abortos clandestinos! Abaixo o acordo Brasil-Vaticano!

A Igreja não pode decidir sobre nossas vidas e nossos corpos!

* **Contra qualquer intervenção imperialista** no norte da África, no Oriente Médio e na Líbia! Fora Kadafi! Viva a primavera árabe! Sigamos o exemplo das egípcias, tunisianas e líbias! Fora tropas brasileiras e imperialistas do Haiti!

* **Abaixo a precarização do trabalho e de nossas vidas!** Educação pública e de qualidade em todos os níveis de ensino! Por um SUS 100% estatal controlado por trabalhadoras e usuárias!

Passes livres imediato para todos os estudantes, desempregadas e trabalhadoras!

Combater a violência às mulheres! Nenhuma confiança na justiça e na polícia! Fora a PM das favelas!

Pelo salário mínimo do Dieese! Por igual salário para igual trabalho! Fim da terceirização com incorporação imediata das/os trabalhadoras/es sem necessidade de concurso público!

Convidamos todas a conhecer e confraternizar com o Pão e Rosas após o ato do Dia Internacional das Mulheres em São Paulo: Local: Casa Socialista Karl Marx, Pça. Américo Jacomino, 49 - em frente ao metrô Vila Madalena
Compareça e convide suas amigas, familiares e colegas de trabalho!

Viva a Primavera Árabe!

"A situação no Norte da África hoje nos traz a verdadeira luta das mulheres e da classe trabalhadora e a reposta contra a crise capitalista internacional. As mulheres egípcias, líbias e tunisianas demonstram com suas garras que é possível sair às ruas e lutar contra os governos ditatoriais e por suas demandas. No Egito, ocorre um processo revolucionário onde o povo e a classe trabalhadora, esta que interveio decididamente com greves gerais, derrubaram o ditador Mubarak; na Líbia, vemos um processo insurrecional que se enfrenta com as forças armadas e grita por "Fora Kadafi!". Devemos apoiar esta demanda, e nos colocar contra qualquer política imperialista que esteja contra a luta do povo e das mulheres árabes. No Brasil, não podemos acreditar que uma mulher no poder pode transformar nossas vidas, pois ela governa ao lado dos que matam e oprimem no Norte da África, dos que não se importam com milhares de mortas por abortos clandestinos e precarizam nossas vidas. A primavera árabe é um exemplo para toda a classe trabalhadora do mundo a ser organizado de maneira independente para lutar contra a opressão e a exploração capitalista! Desde o Sintusp (Sindicato de trabalhadores da USP) também nos colocamos ao lado do povo árabe e continuamos nossa luta junto a estudantes e professores por uma universidade a serviço dos trabalhadores e do povo!

Por Diana Assunção, Diretora do Sintusp/Secretaria de Mulheres e dirigente da LER-QI

Abaixo a violência aos homossexuais! Exigimos nossos direitos!

Por Natalia Ribeiro, estudante de Letras da USP, militantes do Pão e Rosas e Carolina Franco, estudante de Serviço Social da PUC

Conhecida como a lei da mordaza pela bancada evangélica e católica do senado, a PLC 122 /2006, se aprovada no Congresso Nacional, alterará a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, caracterizando crime a discriminação ou preconceito de gênero, sexo, orientação sexual e identidade de gênero. O que os setores conservadores, que são contra a aprovação da lei, não dizem é que a real mordaza está nos homossexuais, impedidos de exercerem sua sexualidade e expressarem seus sentimentos livremente. Isso porque sua escolha vai contra a organização e o controle social imposto através do modelo tradicional de família.

O Brasil lidera o ranking de violência homofóbica, e há meses vemos esta se naturalizar com os recentes ataques a homossexuais na avenida paulista. Os casos da Paulista não podem ser vistos isoladamente: diariamente mulheres e homens homossexuais são agredidos fisicamente, verbalmente e psicologicamente, em seus trabalhos, escolas e vias públicas. Mas, enquanto os ataques na Paulista são divulgados pela grande mídia, os ataques aos homossexuais mais pobres, trabalhadores, negros, continuam sendo silenciados por entre as ruas das periferias e favelas, mantendo várias mortes no esquecimento; e o Estado é conivente com elas. O Estado nunca denunciou e nem puniu agressões contra esses homossexuais, como é o caso em algumas favelas do Rio de Janeiro onde o "estupro cor-

retivo" está sendo praticado contra as lésbicas, com a pretensão de "curá-las".

A falsa idéia de Estado Laico se perpetua com o governo Dilma Rousseff que evitou falar sobre o tema durante a sua campanha, mas em conversa com líder religioso Marcelo Crivella se colocou contra o projeto de lei e contra o casamento igualitário, atitude que foi firmada ao longo de sua campanha para não perder os votos dos setores católicos e evangélicos. Ela mesma assinou a "Carta ao Povo de Deus" se comprometendo a não fazer nada em relação às demandas dos homossexuais e pela legalização do aborto, justificando que não se pode ferir a liberdade de expressão. Mas esta atitude fere todos os indivíduos que sofrem cotidianamente com o preconceito, com as coerções, engolindo a imposição de setores reacionários.

São milhões de pessoas exploradas para movimentar a economia nacional, e tem como retorno somente marginalização. A força de trabalho dos homossexuais trabalhadores, pobres, negros, também aumenta os lucros das grandes empresas, uma vez que são relegados aos trabalhos de menor remuneração e de maior assédio moral; um exemplo são os serviços de telemarketing, preenchidos em larga escala por homossexuais, mulheres e negros.

A situação de muitos travestis e transexuais é de muita miséria e são marginalizados, com a falta de emprego e não encontram espaço dentro da sociedade e por causa da sua identidade sexual são obrigadas a morar na rua e em muitos casos só encontraram na prostituição uma forma de subsistência.

Após os ataques na Av. Paulista uma agitação jovem e forte se construiu de forma independente, essa agitação não pode esfriar, e devemos reivindicar nas ruas demandas básicas a sobrevivência e reivindicar do próprio movimento LGBTTT uma nova prática de luta sem ilusão na via parlamentar. Esse movimento que pelo menos por 20 anos é acometido por uma inércia, resultado da sua estratégia de esperar da democracia dos ricos uma proteção e uma resposta positiva aos direitos dos homossexuais; deve, ao contrário, se aliar às lutas das mulheres, dos negros, da juventude e dos trabalhadores, que também sofrem com a precarização do trabalho e que também são oprimidos, para lutarmos pelos nossos direitos! Exigimos: separação do Estado e da Igreja! Exigimos o direito ao casamento igualitário e à adoção! Somente através de nossa organização, independente dos governos e aliados à classe trabalhadora poderemos arrancar nossos direitos!

A luta contra o aumento da passagem do ônibus também é das mulheres!

Por Cacau, diretora do DCE Unesp Fatec e militante do Pão e Rosas

Enchentes, inundações, desmoronamentos, falta de moradia, de emprego, de saúde e educação de qualidade, salários baixos, ônibus lotados, itinerários reduzidos e ineficientes, filas intermináveis e jornadas de 4, 5, 6 horas ou mais para locomoção das residências para o trabalho. Em troca, o prefeito Kassab aumentou em 11% o preço do transporte 'público' para engrossar ainda mais o lucro dos grandes monopólios privados do transporte. Há mais de três meses a juventude em SP vem protagonizando uma grande luta contra o aumento consecutivo das passagens de ônibus e metrô, assim como em outras cidades.

Pelo menos um ¼ do salário mínimo será gasto com transportes, sendo mais atingidos os que ocupam postos de trabalho mais precarizados (terceirização, contratos temporários), que são principalmente as mulheres e a juventude. Segundo o DIEESE o salário mínimo necessário para manter as condições básicas de vida é R\$2.227, recebemos apenas 25% deste valor, para arcar com todas as necessidades. Quase pagamos para trabalhar. O aumento do transporte significa mais precarização da vida, pois assim como a moradia, o cuidado com a casa e filhos, a preparação das refeições, são atividades necessárias para que todos os trabalhadores possam trabalhar todos os dias, além de limitar o acesso ao lazer.

É preciso tirar da naturalização o fato dos trabalhadores pagarem pelos direitos que deveriam ser garantidos gratuitamente pelo Estado e pela patronal, assim como as tarefas domésticas serem realizadas gratuitamente pelas mulheres, pois configura uma jornada de trabalho dupla para elas, aumentando ainda mais os lucros dos patrões.

Nós mulheres do Pão e Rosas atuamos nesta luta junto ao Bloco Anel às Ruas, pois que a burguesia precariza a vida humana em todos os seus âmbitos e ataca os direitos mais de-



mocráticos da classe trabalhadora, e reprime brutalmente os que se erguem contra a exploração, através da violência policial, como ocorreu com o massivo processo de luta dos estudantes contra o aumento da passagem. Por isso, temos que exigir: igual trabalho, igual salário! O salário mínimo tem que cobrir todas as nossas necessidades, exigimos o salário mínimo do Dieese! Restaurantes, lavanderias e creches públicas para acabar com a nossa dupla jornada! Passe livre no transporte e estatização das empresas de ônibus e das linhas privadas do metrô! Abaixo a repressão!

Por uma campanha contra a repressão e pela permanência estudantil para todos que necessitam!

"A burocracia acadêmica e sua política ditatorial recebem agora um golpe empunhado pelos estudantes da Unicamp. No último dia 03/03 ocuparam a administração da Moradia estudantil da Universidade. Esta burocracia que detém o poder nas mãos de poucos professores ligados às empresas terceirizadas, no ano passado, já tentou expulsar da moradia estudantes mães com filhos maiores de 7 anos, mães solteiras e também intercambistas africanos - deixando claro o caráter elitista, racista, machista e homofóbico da Universidade - desta vez utilizou-se da polícia para reprimir estudantes que se contrapunham a este projeto.

A entrada da polícia na Moradia é o reflexo de uma ditadura repressiva de perseguição política a estudantes e funcionários. É preciso expandir essa mobilização em âmbito estadual para de fato golpearmos a burocracia acadêmica antidemocrática e privatista."

Por Fernanda Montagner, Ciências Sociais da Unicamp, militante do Pão e Rosas e do Bloco Anel às Ruas

No Brasil onde Dilma diz que as mulheres podem ser o que quiser, elas são obrigadas a serem mães ou então correrem risco de morte!

O aborto, até hoje, continua sendo uma discussão bastante delicada. Muitas mulheres são contra a legalização do aborto por considerarem um ataque a um ser vivo. Essa ideia é muito repisada pelas Igrejas Católica e Evangélica, e temos visto vários políticos também se posicionando nesse sentido. Precisamos ter em mente que hoje o aborto é a quarta causa de morte materna no país, além de ser um dos mercados ilegais mais lucrativos depois do narcotráfico; portanto, precisamos olhar para uma realidade que essas instituições fazem questão de negligenciar, e por vezes até legitimar dizendo que as mulheres merecem morrer pois estão cometendo um pecado.

As mulheres abortam por diferentes motivos: porque seus parceiros não quiseram usar preservativos, por falta de conhecimento ou acesso a contraceptivos, porque foram estupradas, porque se separaram, porque são despedidas quando engravidam, porque não têm condições financeiras para criarem seus filhos, porque não querem ser mães... Em casos em que querem ser mães, as trabalhadoras, negras e mais pobres não têm garantido pelo Estado o direito pleno à maternidade, faltando atendimento médico de qualidade, não tem creches, não tem recursos para alimentá-los bem, não têm uma boa alimentação para poder amamentar, não tem direito de amamentá-lo imposto pelos patrões – enfim, elas não têm o respaldo do Estado e dos patrões; e muitas vezes

acabam optando pelo aborto como a única saída. E aquelas que não querem ser mães, pois têm outro projeto de vida, são condenadas pela sociedade, pois a ideologia dominante foi construída para que o modelo tradicional de família continue existindo e assim possa haver maior controle social sobre as mulheres.

O fato é que, apesar das leis restritivas, a prática continua ocorrendo, submetendo milhares de mulheres à morte – porque acabam recorrendo a métodos muito perigosos por não poder pagar –, e permitindo que, no caso daquelas que gastam um dinheiro que não tem, algumas clínicas lucrem muito com essa proibição, fazendo acordos, através desse “negócio” ilegal, com a polícia e políticos antilegalização. E muitas delas, além de correrem riscos sérios, são presas, como ocorreu no MS em que 10 mil mulheres estavam sendo processadas por realizar aborto clandestino.

Desde as eleições, Dilma mostrou-se claramente contra a legalização do aborto, fazendo acordo com setores católicos e evangélicos para obter votos, ignorando este direito mínimo a qualquer mulher que queira decidir sobre seu corpo e sua vida. Promete manter a legislação em relação ao aborto e manter o Acordo Brasil-Vaticano, permitindo o ensino religioso nas escolas públicas e nega o ensino laico, marginalizando a educação sexual que é ne-

cessária para que as mulheres possam controlar sua sexualidade. Dilma deve romper imediatamente o Acordo Brasil-Vaticano!

Diante desta realidade, devemos dar um basta ao des-caso e cooptação de nossas organizações de luta. Não podemos confundir a exigência ao Estado – para que este garanta os direitos democráticos à toda a população – com a participação dos movimentos sociais e sindicais dentro do governo, que só faz mascarar os interesses inconciliáveis entre capitalistas e trabalhadores. Precisamos nos organizar independentemente dos governos para lutar por nossos direitos! Por educação sexual nas escolas pra decidir, contraceptivos gratuitos para não abortar, e aborto livre, legal, seguro e gratuito para não morrer! Devemos tomar como exemplo os milhares de mulheres, trabalhadoras e trabalhadores e a juventude árabe que hoje se rebelam contra suas péssimas condições de vida, tomando em suas mãos o seu próprio futuro. Queremos o direito ao pão, mas também as rosas!

Chamamos todas as mulheres, organizações feministas, sindicatos e suas centrais, entidades estudantis e organizações de direitos humanos a construir uma ampla campanha nacional pela legalização do aborto, e para que o governo Dilma rompa definitivamente o acordo firmado por Lula com o Vaticano.

NESTE MÊS SERÁ LANÇADO O LIVRO "A PRECARIZAÇÃO TEM ROSTO DE MULHER", DAS EDIÇÕES ISKRA, QUE CONTA A HISTÓRIA DA LUTA DAS TRABALHADORAS E TRABALHADORES TERCEIRIZADOS DA USP. ORGANIZAÇÃO DE DIANA ASSUNÇÃO, DIRETORA DO SINTUSP E DIRIGENTE DA LER-QI.

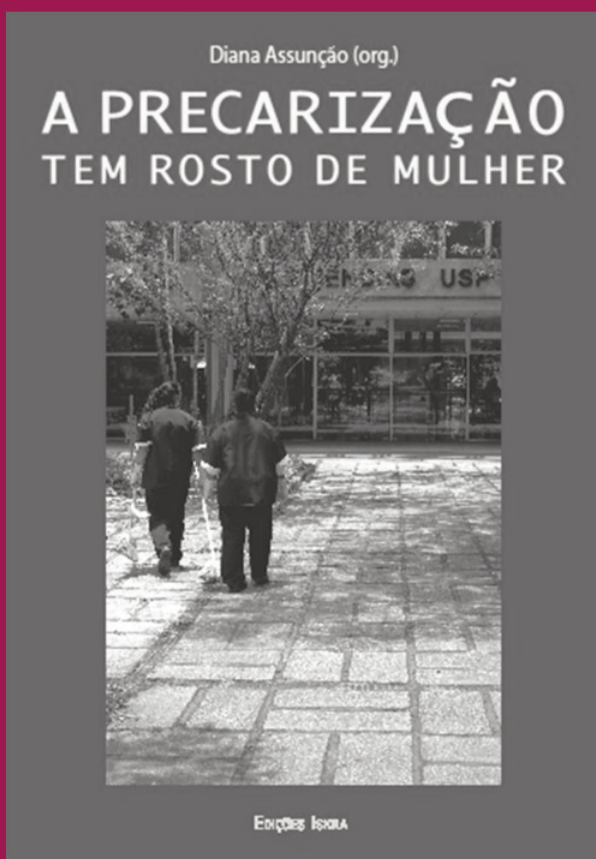
“Uma rica experiência na qual as mulheres trabalhadoras exploradas, em sistema semi-escravo, buscam a auto-organização”.
Maria Beatriz Costa Abramides

“O livro não se restringe a demonstrar a dura realidade da precarização, mas nos incentiva a lutar contra ela”.
Claudia Mazzei Nogueira

“Em 2011, pela primeira vez em nosso país, uma mulher tomou posse como presidente da República. Muitas feministas comemoram este fato como se fosse uma vitória. Contraditoriamente ao que muitos chamam de avanço das mulheres, chegamos a 2011 com mais da metade da classe trabalhadora feminina em condições de trabalho precárias. Isso significa que a comemoração por uma mulher ter alcançado a Presidência do país esconde e mascara a triste realidade brasileira, na qual a precarização do trabalho tem rosto de mulher. (...) São as mulheres as que hoje ocupam os piores postos de trabalho, recebem os menores salários, e, quando são negras, menores ainda, e são o grande exército precarizado que vem sustentando o crescimento econômico brasileiro. (...) A Universidade de São Paulo, uma universidade de “excelência” que paradoxalmente vem sendo palco de inúmeras lutas envolvendo estudantes, trabalhadores e professores, tomou parte na onda da terceirização do trabalho. Mas foi nesta universidade também que estourou a faísca de uma luta explosiva: a luta de trabalhadoras e trabalhadores terceirizados da limpeza.

(...) Esta publicação busca ser uma contribuição à luta das mulheres, à luta das mulheres trabalhadoras e à luta contra a terceirização e pela efetivação de todas e todos os trabalhadores terceirizados – e sem necessidade de concurso público. (...) Apresentamos neste pequeno ensaio, assim como nas publicações anteriores da Coleção ISKRA Mulher, uma visão marxista revolucionária sobre a luta pela emancipação das mulheres, encarando-a no marco da necessidade da revolução socialista para acabar com a exploração capitalista, como condição necessária para acabar com a opressão.”

Excerto do prólogo do livro, por Diana Assunção, organizadora. Diana é diretora do Sintusp (Sindicato de Trabalhadores da USP), integrante do Pão e Rosas e dirigente da LER-QI.



Para entrar em contato envie um email:
paoerosasbr@gmail.com

EXPEDIENTE

Editora responsável: Luciana Machado e Rita Frau

Redação e edição: Rita Frau e Gabrielle Borges

Diagramação: Fernanda Tellez

Contribuíram nesta edição: Gabrielle Borges, Carolina Franco, Rita Frau, Luciana, Jenifer Tristan, Natalia Bullara, Babi, Camila Radwanski, Aline Monge, Diana Assunção, Clarissa Menezes, Flavia Vale